

JAZZ

25 NOVEMBRO 2016

# Carlos Bica & Azul com Frank Möbus e Jim Black

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Contrabaixo Carlos Bica Guitarra Frank Möbus Bateria Jim Black

Sex 25 de novembro  
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M6

## Vinte anos depois de vinte anos antes

*More Than This*. Um título de disco pode não necessitar de explicação ou pode explicar-se a ele próprio, mas no caso deste encerra todo um conceito. “Mais do que isto” quer dizer realmente o quê? Que a música incluída é a que podemos esperar do Azul e algo mais que esteja para além dela? Carlos Bica elucida-nos sem desvendar demasiado o mistério: «Este título prosaico é mais filosófico do que pode parecer, porque na vida há sempre algo para lá do óbvio. Quer na música, quer no quotidiano deparamos sempre com o que nos transcende. Se olharmos para uma velha mesa de madeira poderemos dizer que é apenas uma mesa, mas na realidade é muito mais do que isso. Essa madeira já foi árvore, já terá passado pelas mãos de um artesão, já houve quem tivesse dançado em cima dela ou quem nela tivesse derramado lágrimas. Podemos igualmente encontrar diferentes dimensões na música. O mais interessante pode ser mesmo o que ficou por dizer, mas está implícito.»

Passados 20 anos do arranque deste trio e do álbum que lhe deu uma cor como nome, a música do Azul de Carlos Bica continua a revelar novas facetas sem que tal implique uma mudança de rumo. Tudo é diferente sendo o mesmo, porque até a novidade pode ter continuação e o certo é que este projeto se mantém novo seis discos depois: «Nunca houve uma mudança radical na música que faço com Frank Möbus e Jim Black. Isso tem que ver com o meu papel enquanto *bandleader* e compo-

sitor, mas sobretudo com o cuidado de todos em respeitar a personalidade da banda e em querer torná-la mais forte. Por outro lado, a evolução do grupo acompanhou a evolução dos próprios músicos. Uma coisa prevalece: a eterna busca pela canção perfeita, que é assim que eu gosto de chamar às minhas composições, apesar de não terem letras.» É essa renovada procura que torna a música do Azul mais do que aquilo que primeiro nos soa (ah, as melodias, as melodias!), sempre prenhe de implicações e disposta a revelar as suas diferentes camadas.

Ou seja, é uma música com mais sentidos do que os meramente técnicos, uma música que, sem medos nem complexos, se assume como expressão de emoções, nesse aspeto herdando a tradição romântica do século XIX, aquela que deu corpo aos *lieder* de Schubert e Schumann, ainda hoje exemplos maiores da tal aproximação à “canção perfeita”. Admite Bica: «Tenho uma enorme paixão pelas coisas simples da vida e isso reflete-se na minha música. Prefiro que me chamem romântico a que digam que sou um músico lírico. Certas realidades só podem ser captadas através dos sentimentos.» Esse enquadramento no formato canção passa, inclusive, pelo uso de versões de temas da pop e da *folk*, como é o caso de *Silver Dagger* no alinhamento do CD e também no deste concerto.

«Nunca procurei temas com o intuito de fazer *covers*. Essas músicas vêm-me parar às mãos e quando acontece magia sinto vontade de as abraçar como se fosse eu quem as tivesse escrito. Essas

músicas são uma herança universal», afirma Bica. O mesmo acontece com as escolhas que faz do património tradicional português, a exemplo de *Na Rama do Alecrim*, tema do cante alentejano. Neste procedimento a universalidade do estilo firmado pelo Azul dá vez a uma ainda maior afirmação da portugalidade que se faz pressentir na escrita de Carlos Bica, e tanto assim que este, a par de João Paulo Esteves da Silva, é apontado como um dos pais do “jazz português”, assim designado não por ser feito em Portugal, mas por incluir em si traços da nossa própria identidade. O contra baixista prefere não se colocar ao mesmo nível do seu ocasional companheiro de trabalho: «A música do João Paulo nasce, de facto, como fruto do cruzamento da música improvisada com uma forte e única sensibilidade portuguesa, mas no meu repertório a tradição nacional surge do mesmo modo que surgem outras contribuições, como a música antiga ou o rock. A música que toco resulta do encontro da minha portugalidade com a cultura urbana berlinense, dados os anos que tenho vividos na Alemanha.»

Rock, diz Carlos Bica? Sim, rock, idioma musical que desde sempre é uma componente importante no projeto Azul e que neste *More Than This* ganha até maior evidência. «Foi com o rock dos anos 1970 que comecei a ouvir música. Faz parte de quem sou e é-me impossível fugir-lhe. O facto de o rock estar mais presente neste álbum surge de maneira muito natural. Aliás, antes de entrarmos em estúdio para gravar eu não estava de todo consciente das

particularidades que o disco viria a ter. É impossível controlar o processo criativo», explica. Möbus e Black, os parceiros de Bica, são de resto próximos na incorporação de aspetos do rock nas suas respetivas formas de tocar, e esse terá sido um dos motivos que levaram o português a escolhê-los para o seu trio: «Conheci o Frank no início da década de 1990, quando ele um dia tocou num clube de jazz no Sul da Alemanha. Pouco tempo depois conheci o Jim (ambos tinham sido colegas na Berklee, em Boston). Desde o meu primeiro ensaio com eles, numa sessão realizada em casa do Frank, que lhes reconheci qualidades musicais inéditas que os diferenciavam de todos os outros. Quando pouco tempo depois surgiu a oportunidade de gravar o *Azul*, já sabia quais os músicos com quem sonhava poder colaborar. Muitos dos grandes sucessos das nossas vidas são conseguidos assim: sem esforço.»

À semelhança da utilização de canções pop, a incorporação na música do Azul de elementos rock não visa propriamente alcançar maiores números de público. Trata-se, simplesmente, de uma opção estética. «Se o intuito é fazer música enquanto arte, tentar agradar uma audiência seria dar um tiro pela culatra. É necessário seguir a nossa intuição e, acima de tudo, sermos honestos. Tu serás o primeiro a saber quando te estás a enganar a ti próprio. Adoro ser surpreendido quando ouço música, e isso leva-me a transpor qualquer barreira aparentemente existente pela castradora separação em géneros musicais. Não posso definir algo cuja

essência está no próprio título *More Than This*», considera Bica.

Há mais a acrescentar sobre a questão. O Azul não pretende especificamente combinar tipos de música, à maneira do que fazia a fusão jazz-funk-rock e depois fizeram os acólitos da colagem, e sim colocar em prática uma nova atitude face ao enorme espectro de músicas da atualidade, não as valorando hierarquicamente segundo as proveniências académicas ou populares, “clássicas” ou “contemporâneas”. Temas que vamos ouvir como *Skeleton Dance* e *X.Y.Ungelöst* parecem estar nos antípodas, o primeiro soando ligeiro e bem-humorado e o segundo ganhando alguma complexidade. «Desde o início que foi proposta do Azul quebrar as fronteiras entre música séria e música divertida ou dançante. O choro, o riso e o grito são parentes diretos», argumenta o líder desta banda *sui generis*.

«O Azul é muito mais do que um grupo em que toco, já é quase uma família. Orgulho-me de estar à frente de um trio que tem uma química tão rara de encontrar. A maturidade a que chegámos é um fator importante para entender o sucesso conseguido, mas não é suficiente para definir a nossa fórmula musical. O resto da fórmula está no segredo dos deuses. Em nenhum outro projeto meu faço o que faço com o Azul, até porque cada constelação de músicos conduz à sua própria entidade musical. Tentar uma variação do Azul seria condenar a música à partida», acha Carlos Bica. O que quer dizer que, no dia em que o Azul terminar a sua atividade, arriscamo-nos a deixar de

ter o equivalente sinestésico no mundo dos sons desse tom do leque cromático. O desaparecimento do Azul pode levar-nos a deixar de perceber o azul, mas por vontade destes três isso não se verificará antes dos próximos 20 anos.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

## Carlos Bica contrabaixo

---

Carlos Bica é um dos poucos músicos portugueses que alcançou projeção internacional, tendo-se tornado uma referência no panorama do jazz europeu.

Entre os vários projetos musicais que lidera e para além das suas colaborações com teatro, cinema e dança, o trio Azul, com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, tornou-se na imagem de marca do contrabaixista e compositor.

Quando se fala da música de Carlos Bica, a crítica costuma salientar a forma como nela se interpenetram referências de diferentes universos, da música erudita contemporânea à *folk*, ao rock, ao jazz, às músicas improvisadas.

O que corresponde, como seria natural, à própria trajetória do intérprete compositor. Aprendeu a tocar contrabaixo na Academia dos Amadores de Música, tendo finalizado os seus estudos superiores de música na Musikhochschule Würzburg como bolseiro do DAAD. Foi membro da Orquestra de Câmara de Lisboa, assim como de diversas orquestras de câmara alemãs, tais como a Bach Kammerorchester e a Wernecker Kammerorchester.

Mas o seu primeiro concerto de jazz deu-o pouco antes de partir para a Alemanha. Fez muita música improvisada, durante anos tocou com Maria João, trabalhou e gravou na área da música popular portuguesa com Carlos do Carmo, José Mário Branco, Camané, Cristina Branco, Janita Salomé

e participou em inúmeros festivais de jazz internacionais em colaboração com músicos como Kenny Wheeler, Ray Anderson, Aki Takase, Alexander von Schlippenbach, Lee Konitz, Mário Laginha, Albert Mangelsdorf, Paolo Fresu, Markus Stockhausen, António Pinho Vargas, John Ruocco, John Zorn, Matthias Schubert, João Paulo Esteves da Silva, Claudio Puntin, Joel Frahm, Gebhard Ullmann, Kurt Rosenwinkel, entre outros.

Em finais de 1995 gravou o seu primeiro álbum *Azul* (Polygram), juntamente com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, CD este que também conta com a participação do trombonista Ray Anderson e da cantora Maria João. Onde Carlos Bica se afirma não só como músico inovador no seu instrumento, mas também revela as suas qualidades como compositor.

A necessidade de projetar na música as vivências do seu percurso musical e o enorme fascínio pelo som da voz e dos instrumentos de arco, levou Carlos Bica até ao projeto *Diz*, que teve a sua estreia no Festival dos Cem Dias / Expo'98, e a edição em disco em abril de 2001 pela Enja Records (Prémio de Melhor Disco do Ano da Antena 1 / Cinco minutos de Jazz).

Em outubro de 2005 Carlos Bica edita *Single* (BorLand), o seu primeiro álbum de contrabaixo solo, onde músico e instrumento se encontram a sós e onde Bica revela o seu lado musical mais íntimo. Na digressão que fez em Portugal de promoção desse disco, teve como convidados alguns dos seus amigos e músicos favoritos, como João

Paulo Esteves da Silva, Jesse Chandler, Sam the Kid, Kalaf, Alexandre Soares, Jorge Coelho, DJ Vibe, Matthias Schubert, Kalle Kalima e Ana Brandão.

A colaboração com DJ Vibe prolongou-se para o álbum *Believer* (2006) – após *Azul* (1996), *Twist* (1999) e *Look What They've Done to My Song* (2003) – do projeto Azul, onde o DJ Vibe é convidado especial.

Em 2011 passados 15 anos desde a edição do seu primeiro álbum, Bica volta a reunir em estúdio os seus companheiros de longa data para gravar *Things About*, o quinto álbum do trio Azul, que mantém intacta a formação original, numa empatia rara que tem contribuído para o reconhecimento internacional de Carlos Bica (Melhor CD de Jazz Nacional 2011).

Em 2009 o pianista João Paulo grava o álbum *White Works* (Universal), onde o músico toca em piano solo as composições de Bica. *White Works* foi votado pela crítica nacional Disco do Ano.

Depois da sua participação em inúmeros projetos nacionais e internacionais em diferentes áreas artísticas, nasce em 2008 o projeto *Matéria-Prima*, onde participam o pianista João Paulo e o guitarrista Mário Delgado, companheiros de longas aventuras musicais, e os jovens e talentosos Matthias Schrieffl no trompete e João Lobo na bateria. Carlos Bica foi distinguido com o Prémio Carlos Paredes 2011, pelo álbum *Matéria-Prima* editado pela editora Clean Feed.

Vinte anos passados desde a edição de *Azul*, o primeiro disco do trio de Carlos Bica com Frank Möbus e Jim

Black, eis que o trio está de regresso com o seu sexto e mais recente álbum – *More Than This*.  
[www.carlosbica.com](http://www.carlosbica.com)

---

### Frank Möbus guitarra

Frank Möbus é incluído no conjunto dos mais importantes guitarristas da música criativa moderna europeia. Além de guitarrista é compositor e produtor.

O grupo que lidera, Der Rote Bereich, editou sete CDs e tocou em numerosos festivais de jazz de primeira linha na Europa, EUA, Ásia e África tais como, para dar apenas três exemplos, Montreux Jazz Festival, Bell Atlantic Festival NYC ou North Sea Jazz Festival.

Frank é membro do trio Azul, de KUU (com Jelena Kiljic, Kalle Kalima e Christian Lillinger), do Quarteto Erdmann/Rohrer (com Daniel Erdmann, Samuel Rohrer e Vincent Courtois) e de Killing Popes (com Peter Eldh, Oliver Steidle e Kit Towns).

Tocou e gravou com, entre muitos outros, Ray Anderson, Kenny Wheeler, Herb Robertson, Louis Sclavis, Maria João, Aki Takase, Mark Helias, Chris Speed, Hal Crook, John Tchicai, Seamus Blake, Nils Wogram, Han Bennink, John Davis, Kevon Coyne.

É professor de guitarra elétrica na Escola Superior de Música de Weimar, na Alemanha, desde 2003, e na Escola Superior de Música de Luzerna, na Suíça, desde 2006. Dirigiu numerosos *workshops* por todo o mundo.

Nascido em Nuremberga em 1966, começou a tocar música com 6 anos e

estudou na célebre Berklee College of Music em Boston, nos EUA, de 1985 a 1989. Desde 1992 que se estabeleceu em Berlim.  
[www.frankmoeubus.com](http://www.frankmoeubus.com)

---

### Jim Black bateria

Jim Black nasceu em Seattle, nos EUA.

Desde vai para três décadas, a sua criatividade musical e a sua imparável curiosidade têm feito com que seja dos bateristas mais procurados no mundo do jazz e da nova música.

Ainda em Seattle, Jim, muito novo, explorou todos os estilos de música, do rock de garagem às *big bands* do *swing*, antes de ir para Boston, para o inevitável Berklee College of Music.

Em 1991 mudou-se para Brooklyn, onde reside atualmente. A sua agenda está sempre preenchidíssima com digressões, gravações, aulas, ou simplesmente a ouvir e apreciar música, um pouco por todo o mundo.

Jim lidera, sozinho ou em conjunto, e compõe para bandas como Jim Black Trio, AlasNoAxis, Pachora e Human Feel e trabalha com numerosos grupos e com os artistas mais criativos como Ellery Eskelin, Uri Cane, Chris Speed, Tim Berne, Dave Douglas, Dave Liebman, Thomasz Stanko, Nels Cline ou Laurie Anderson.

[www.jimblack.com](http://www.jimblack.com)

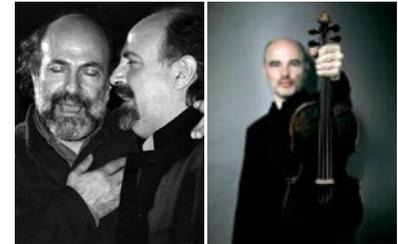
# Sicília, o canto da memória

Música Ter 29 de novembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h10 · M6

Enzo e Lorenzo Mancuso

C. Desjardins © Eric Besnier



**Canto, guitarra, saz, viola e harmónio** Enzo Mancuso, Lorenzo Mancuso **Viola** Christophe Desjardins **Percussão** Andreu Rico

O violista Christophe Desjardins e os irmãos Mancuso convidam-nos para uma viagem pela memória do canto siciliano. Os dois irmãos, emigrantes em Inglaterra na década de 1970, onde trabalharam numa fábrica, foram, pouco a pouco, recompondo uma parte do repertório tradicional da terra onde nasceram a partir da memória e do imaginário deles próprios.

Pelo seu lado, Desjardins tornou-se no primeiro embaixador da obra-prima de Luciano Berio que é *Naturale, su melodie siciliane*, para viola, voz gravada de um cantor de rua de Palermo e percussão. Nesta obra, a música brota sobre temas sicilianos, mistura com naturalidade fontes populares e música erudita. Berio faz um enxerto musical no ramo da tradição popular: paráfrases, comentários, glosas, digressões livres, são como que estacas embebidas nesse ramo.

O espetáculo alterna canções tradicionais interpretadas pelos irmãos Mancuso, comentários musicais livres de Desjardins, composições de Berio e encontros entre todos os músicos irmanados na comum procura de uma Sicília sempre reinventada.

Desjardins é um violista com um extenso currículo, que estreou obras de famosos compositores contemporâneos como Berio, Boulez, Emmanuel Nunes, Rihm e muitos outros. Da sua extensa discografia constam numerosos registos premiados. Os irmãos Mancuso, depois de emigrarem, voltaram para Itália em 1981. Gravaram muitos discos, compõem para cinema e teatro, têm atuado por toda a Europa, pela América e o Japão, receberam várias distinções, tocaram com músicos italianos da craveira de Enrico Rava, Stefano Bollani, Ricardo Tesi, e outros. Andreu Rico, percussionista espanhol, estudou em Valência e Lisboa, é professor na Academia Metropolitana e colabora com todas as melhores orquestras portuguesas.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Delfim Sardo

### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

### Direção de Produção

Margarida Mota

### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

### Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---